

Carnaval: a relação entre a carne e o corpo feminino¹

Aissa Lauany Santos de ALMEIDA²

Maria Luisa Silva dos SANTOS³

Julianna Nascimento TOREZANI⁴

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

Resumo

O presente estudo analisa a relação da metáfora do sexo e alimentação com a sexualização do corpo feminino a partir do contexto da festa popular de Carnaval. A abordagem tem foco na relação da carne com a dominação masculina sob os corpos das mulheres, valendo-se da análise imagética de capas das revistas *Muscle and Fitness* e *Mr. America*. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, partindo de ideias e conceitos de Adams (2018), Barton (2021), Beauvoir (2019), Bourdieu (2014), Bozon (2004) e Dworkin (1989). Sob a perspectiva de que os hábitos alimentares e as dinâmicas sexuais sofrem influência da estrutura social, a pesquisa aponta que a metáfora da alimentação é um modo de reforçar através da linguagem os conceitos de dominação/submissão socialmente construídos.

Palavras-chave: Metáfora da Alimentação; Carnaval; Carne; Corpo Feminino.

A experiência feminina de corpo-para-o-outro

O patriarcado é um sistema social, político e cultural no qual os homens detêm o poder e a autoridade (Lerner, 2019). Nesse regime, os homens e as mulheres vivem uma relação hierárquica, na qual “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 2019, p. 13). Essa organização social é responsável por institucionalizar a dominação masculina, que compreende um conjunto de práticas sociais, símbolos e estruturas responsáveis por não apenas criar desigualdade entre homens e mulheres, como também estabelecer vínculos de dominação e exploração entre os sexos (Bourdieu, 2014).

Considerando a dominação masculina como um sistema pelo qual as relações entre os sexos são construídas socialmente e reconhecendo que essas relações são essencialmente hierárquicas, Zanello (2022) afirma que a socialização feminina

¹ Trabalho apresentado no IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação 8º semestre de Comunicação Social - Rádio e TV da UESC, e-mail: alsalmeida.cos@uesc.br

³ Estudante de graduação 8º semestre de Comunicação Social - Rádio e TV da UESC, e-mail: mlsantos.cos@uesc.br

⁴ Professora do Curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestra em Cultura e Turismo e Bacharelada em Comunicação Social pela UESC. E-mail: jntorezani@uesc.br

acontece por meio de dois dispositivos: o amoroso e o materno, sendo o dispositivo amoroso um processo de subjetivação feminina mediada pela possibilidade de serem escolhidas por um homem.

Por meio da metáfora da “prateleira do amor”, Zanello (2022) discute sobre o modo como as mulheres são ensinadas a entender seus corpos como um importante capital simbólico. Consequentemente, elas internalizam a necessidade de se conformar a um ideal estético para serem valorizadas. Em nossa sociedade, esse ideal é branco, loiro, magro e jovem. Quanto mais distante desse ideal, mais preterimento e sexualização uma mulher vai sofrer, e quanto mais próximo, maiores são as chances de serem escolhidas e reconhecidas como bonitas, desejáveis e atraentes.

Esse processo acontece porque, sob um regime patriarcal, a humanidade é masculina. A mulher é definida e diferenciada em relação ao Sujeito (homem) e, por serem subjetivadas como o Outro (Beauvoir, 2019), dentro dessa política, elas se encontram em um estado de dependência simbólica, em que existem primeiro pelo e para o olhar alheio (Bourdieu, 2014).

As mulheres, nesse cenário, vivem uma experiência universal do corpo-para-o-outro (Bourdieu, 2014), em que são constantemente expostas à objetivação operada pelo olhar e discurso branco e masculino. Ao se encontrarem presas a uma ordem simbólica, em que os homens expressam suas fantasias e desejos através da linguagem (como a fotografia), a imagem da mulher é construída como portadora e não como produtora de significado. Consequentemente, quando os pensamentos e percepções estão estruturados em conformidade com uma relação de exploração imposta, as mulheres realizam atos de conhecimento dos dominados que são, inevitavelmente, atos de reconhecimento de submissão (Bourdieu, 2014; Mulvey, 1975).

O corpo para-o-outro é um termo que se aplica especialmente ao contexto da alimentação, na qual o corpo das mulheres é historicamente colocado em local de submissão e sexualização, a exemplo dos escritos de Cascudo (2004, p. 165) que falam da contribuição das mulheres indígenas e negras na culinária brasileira da seguinte maneira: “Índigenas para o serviço do campo, caçar, pescar, plantar, colher e as cunhãs⁵ para a cozinha e cama, dedicadas e curiosas, resolviam o problema da acomodação nos trópicos”. Em seguida, refere-se às mulheres negras:

⁵ Termo utilizado para referir-se a mulheres indígenas.

A negra serena, risonha, submissa aos ioiôs sequiosos⁶ e as sinhás gritadeiras, assenhoreou-se sub-repticiamente⁷ dos segredos de atender à fome branca e satisfazer aos imperativos mandões das iaiás insaciáveis⁸ na verificação da subserviência (Cascardo, 2004, p. 168)

Ao associar o feminino à gastronomia, que é a área de estudos relacionada às práticas culinárias, é notável a objetificação dos corpos femininos quando o assunto é o preparo dos alimentos, ao analisar o livro *Dona Flor e seus dois maridos*, Dória (2014) cita trechos em que a “mulher se confunde com a própria comida”, reforçando a ideia da utilização da metáfora da alimentação para tratar de corpos femininos como existentes não só para o olhar masculino, mas para a degustação dos homens.

A metáfora da alimentação e sexualidade

A relação do ser humano com a comida está para além das questões nutritivas e de saciedade do corpo, a alimentação na vida de um indivíduo possui um papel fundamental no que diz respeito à reprodução de uma ordem cultural e demonstração do simbólico através de objetos e escolhas, especificamente através dos hábitos alimentares (Sahlins, 2003). A respeito da produção cultural, Sahlins (2003) disserta:

O valor de uso não é menos simbólico ou menos arbitrário que o valor-mercadoria. Porque a “utilidade” não é uma qualidade do objeto, mas uma significação de qualidades objetivas. A razão pela qual os americanos determinam que a carne de cachorro não é comestível e a de boi o é, não é mais perceptível aos sentidos do que o preço da carne. Da mesma forma, o que determina que as calças são de uso masculino e as saias de uso feminino não tem necessariamente conexão com as características físicas ou com as relações que advém dessas características. É por sua correlação em um sistema simbólico que as calças são produzidas para os homens e as saias para as mulheres, e não pela natureza do objeto em si nem por sua capacidade de satisfazer uma necessidade material. [...] Nenhum objeto, nenhuma coisa é ou tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem (Sahlins, 2003, p. 169-170).

Os hábitos alimentares são construções sociais e culturais que variam geograficamente, um exemplo é a difusão do consumo de carne que ocorreu após o século XIX, pois no período de colonização as “conquistas de terra” foram atribuídas a alimentação com carne dos colonizadores, Adams e Messina (2021) citam o autor

⁶ Refere-se a senhores de engenho e fazendeiros sedentos ou ansiosos por algo.

⁷ “Assenhorear sub-repticiamente” significa tomar posse de algo de maneira disfarçada ou oculta, escondendo suas intenções.

⁸ O termo “iaiás insaciáveis” diz respeito às senhoras ou sinhás da sociedade colonial e imperial brasileira.

George Beard que afirma que: “Os selvagens que têm alimentação fraca são selvagens fracos [sic], sendo intelectualmente muito inferiores aos comedores de carne de qualquer raça”.

A metáfora da alimentação relacionada à carne está associada à dominação masculina, tanto relacionada às mulheres quanto à conquista territorial, visto que a ideia da superioridade masculina está atrelada a questões físicas e intelectuais, e o consumo de carne é o elemento central desse contexto. Historicamente, o ideal masculino era pautado pelos membros da realeza e aristocracia europeias, que consumiam quantidades consideráveis de carne e laticínios, o que se reflete na contribuição portuguesa para a culinária brasileira: pratos que têm como elementos centrais a carne, os ovos e o leite.

Ainda tratando sobre o consumo de carne, leite e ovos enquanto uma construção cultural e social, a obra ficcional de Gilman (2018) intitulada *Terra das mulheres* traz uma sociedade formada unicamente por mulheres, livre de um sistema supremacista masculino. Em seu livro, a autora apresenta um diálogo entre um grupo de homens exploradores e as mulheres que pertencem à essa terra:

— Como arranjam leite? — Terry quis saber, incrédulo.
— Leite? Temos leite em abundância... o nosso.
— Mas... mas... quero dizer para a culinária... para adultos. — Terry balbuciava enquanto elas pareciam assombradas e levemente ofendidas. Jeff o salvou. — Nós criamos gado pelo leite, como também pela carne — explicou ele. — Leite de vaca é fundamental na nossa dieta. Há uma grande indústria do leite... para coletá-lo e distribuí-lo. [...]
— A vaca não tem filhos? — perguntou Somel seriamente.
— Oh, sim, claro, o bezerro, é como se chama.
— Há leite para o bezerro e para vocês também?
Demorei para explicar àquelas mulheres amáveis o processo que tira o bezerro da vaca, e, do bezerro, seu alimento verdadeiro; e a conversa nos levou a uma discussão sobre o negócio da carne. Elas ouviram, muito pálidas, e, em seguida, pediram licença (Gilman, 2018, p 64-65).

Nesse diálogo, Gilman (2018) não apenas ilustra o choque cultural entre as mulheres — que vivem isoladas em uma sociedade livre do patriarcado — e os exploradores — que vivem dentro de um sistema de supremacia masculina — mas também destaca o modo como a alimentação está profundamente enraizada nas construções sociais. A sociedade criada por Gilman desafia as normas da supremacia

masculina, ao eliminar um dos principais símbolos de masculinidade: os produtos de origem animal (Adams, 2018).

Ao criar um contraste entre a prática naturalizada de consumo de leite e carne na nossa realidade (a sociedade dos exploradores) com a repulsa das mulheres da *Terra das Mulheres*, Gilman (2018) mostra como os hábitos alimentares estão relacionados às estruturas sociais, bem como o modo como a exploração dos animais nos condiciona a aceitar a violência como um fato cotidiano normal e razoável (Adams, 2018).

Assim, as dinâmicas alimentares estão intimamente ligadas às interações entre os sexos, sendo essa relação visível também na forma como nos comunicamos. Um estudo realizado por Carrara, Uchoa e Rodrigues (2019) que trata da metáfora “sexo é alimento” e o modo como esse recurso de coerência textual é utilizado nas piadas revela que: “A forma lexical mais frequente é comer e suas variações (35,03%), o que sinaliza seu forte grau de convencionalização no domínio conceitual de sexo” (Carrara; Uchoa; Rodrigues, 2019).

Enquanto construção social, a sexualidade tem um papel fundamental na legitimação da desigualdade sexual, isto é, do sistema de dominação masculina. Isso acontece porque, em nossa sociedade, a subjetivação sexual dos indivíduos é feita por meio da supremacia masculina, que compreende um conjunto de práticas sociais, símbolos e estruturas que favorecem a posição dominante dos homens na sociedade (Bozon, 2004; Bourdieu, 2014).

Na supremacia masculina, o corpo é construído como uma realidade sexuada, como depósito de visão e divisões sexualizantes. Ele funciona como um mercado de bens simbólicos, no qual as mulheres são colocadas como seres-percebidos pelo olhar masculino, ou por um olhar marcado pelas categorias masculinas. (Bourdieu, 2014). Conseqüentemente, por ser construída através de um sistema de divisão fundamental entre masculino/feminino (ativo/passivo), e porque este sistema cria, organiza, expressa e dirige o desejo, o próprio ato sexual é concebido como uma forma de dominação, apropriação e posse (Bourdieu, 2014; Bozon, 2004).

As relações de gênero e as relações entre classes, bem como entre grupos culturais ou étnicos, estruturam as percepções do possível, do desejável e da transgressão em matéria de sexualidade. E, na medida em que é incorporada aos indivíduos e já não pode ser afastada facilmente, a experiência sexual, sonhada ou praticada, possibilita

naturalizar as relações sociais que lhe deram origem (Bozon, 2004, p. 61).

Para Bozon (2004), a metáfora da alimentação é uma das formas que a nossa sociedade consegue trazer a relação de dominação/submissão entre os sexos. O verbo “comer”, por exemplo, é frequentemente utilizado para indicar o papel social dos indivíduos que penetram, isto é, daqueles que têm o papel ativo (masculino) dentro da relação. Por outro lado, o verbo “dar” está relacionado aos indivíduos que são penetrados, isto é, que assumem o lugar de passividade (feminino).

Ademais, a metáfora da alimentação não é uma coisa exclusiva das relações heterossexuais. Em um sistema de heterossexualidade compulsória, toda e qualquer relação segue uma lógica heterossexualizada que adequa os indivíduos nessa divisão binária de passividade/atividade, submissão/dominação, masculino/feminino (Rich, 2012; Bozon, 2004). Para Bozon,

Todo o comportamento sexual é percebido a partir dessas categorias de atividade e passividade, estritamente associadas ao masculino e ao feminino. Aliás, o masculino não se define apenas em relação ao feminino, mas também em relação a outras imagens desvalorizadas do masculino. Nesse sistema bipolar, os homens que têm relações com outros homens não formam uma categoria à parte. Eles também são classificados, de acordo com o seu papel ativo ou passivo na relação, como homens ou mulheres (Bozon, 2004, p. 23).

A partir da inquietação acerca das metáforas sexuais associadas à alimentação humana, objetiva-se analisar a relação entre o consumo de carne e a dominação masculina sob o corpo feminino. A popularização do uso do vocabulário alimentício para se referir à dinâmicas sexuais aponta para a perspectiva de que ambos estão entrelaçados ao ponto de que os termos gastronômicos se tornam ferramentas de opressão de gênero, pois objetificam as mulheres. Um exemplo disso está nas descrições e idealizações do corpo feminino partindo do senso comum: “pele de pêssego”, “olhos amendoados”, “boca de cereja”, “lábios carnudos”.

Carnaval: a festa da carne

A palavra Carnaval é originária do latim, *carnis levale*, cujo significado é “retirar a carne”, fazendo referência à véspera da Quarta-Feira de Cinzas — o dia em que se inicia o período de abstinência de carne, exigida na Quaresma. Alguns

historiadores acreditam que esta palavra vem do latim, *carne + vala + adais*, ou do baixo latim, *carne levamen*, designando a Terça-Feira Gorda — o último dia do calendário cristão onde é permitido comer carne (Silva, 2001).

Por ser um evento considerado, historicamente, como a festa da carne, o carnaval possui um significado cristão, mesmo que por posição. Isso acontece porque a festa antecede a Quaresma — tempo especialmente dedicado aos rituais católicos (Nascimento, 2007). Sendo o carnaval o período que antecede a Quaresma, momento em que a Igreja Católica recomenda a seus fiéis que não comam carne vermelha, ela não é apenas a festa da carne, mas a festa da abundância da carne. Com outras palavras, o carnaval é o momento onde os católicos podem comer carne em fartura, para se preparar para o período de abstinência que está por vir.

A carne, em nossa sociedade, é o símbolo do domínio masculino. A hierarquia da proteína da carne reforça uma hierarquia de raça, classe e sexo. Retomando o conceito de metáfora da alimentação, embora contrário ao sentido original, a palavra “vegetal”, em nossa sociedade, assume um significado passivo, apático e monótono. Quando dizemos que uma pessoa está vegetando, queremos dizer que ela leva uma existência passiva, da mesma forma que ser feminina é ter uma existência passiva. Nesse sentido, carne (ativo) e vegetal (passivo) também são classificados dentro de um sistema que define as coisas de forma binária e hierarquizada (Adams 2018; Bozon, 2004; Bourdieu, 2014).

Além disso, as mulheres frequentemente, ao verbalizar as violências que vivenciam dentro dessa estrutura, dizem terem se sentido como um “pedaço de carne”, isto é, utilizam de termos que se referem à violência animal como uma metáfora (Adams, 2018). Uma das características do domínio masculino é a destituição de significados, derivado do poder de nomeação, do poder de definir as experiências, os limites, os valores, o que pode e não pode ser expressado e, conseqüentemente, o poder de controlar a percepção das coisas (Dworkin, 1989).

Quando as mulheres falam que “se sentiram um pedaço de carne”, elas ocultam que os animais de fato morrem para se tornar um pedaço de carne. Os animais, quando se tornam carne, são transformados em objetos e, enquanto objetos, eles são fragmentados e separados do animal vivo. “Se você é um pedaço de carne, você está sujeito a uma faca, à violência com equipamento. O estupro também é violência com

equipamento, porque o pênis é o equipamento da violência sexual” (Adams, 2018, p. 96).

As semelhanças entre as violências sofridas pelos animais e pelas mulheres não são coincidências. No domínio dos homens, uma mulher se sente como "um pedaço de carne" porque a justificativa utilizada para matar os animais é a mesma utilizada para estuprar as mulheres "eles pedem para morrer" e "elas pedem para serem estupradas". Além disso, na supremacia masculina mulheres e animais são retalhados e divididos em partes do seu corpo, se tornando filé, bisteca, contra filé, picanha, filé mignon ou bundas, peitos, curvas e bocas (Adams, 2018; Bourdieu, 2014).

Consequentemente, a festa da abundância da carne não se refere apenas à carne dos animais, mas também à abundância da carne feminina. Segundo dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), do Ministério da Saúde⁹, no carnaval, o número de casos de estupros por dia crescem consideravelmente, chegando a um aumento de 36% em 2019 e 50% em 2020. Além disso, a pesquisa também constatou que, no carnaval, a proporção de estupros nas ruas é maior do que no resto do ano.

A supremacia masculina depende da objetificação dos corpos das mulheres, porque elas só podem ser apropriadas se forem consideradas “bens móveis”. Assim como os animais, que precisam ser destituídos de significados para que seja naturalizada a prática de se alimentar do seu corpo morto, as mulheres também precisam ser objetificadas para que se torne aceitável o assédio, o estupro, a prostituição e qualquer outra forma de violência sexual, isto é, de apropriação dos seus corpos (Bourdieu 2014; Dworkin, 1989; Barton, 2021). Entretanto, Collins (2019) afirma que existe uma diferença considerável na experiência do corpo entre mulheres brancas e negras em nossa sociedade, e isso é definitivo na maneira como esses corpos serão construídos imageticamente:

Como objetos, as mulheres brancas se tornam criação da cultura – no caso, da mente dos homens brancos – a partir dos materiais da natureza – no caso, a sexualidade feminina fora de controle. Em contraste, como animais, as mulheres negras não recebem essa dose redentora de cultura e permanecem abertas ao tipo de exploração vista na natureza em geral. A representação das mulheres negras na

⁹ Os números foram analisados pela associação de mídia independente “Gênero e Número”. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/estupro-carnaval/>

pornografia como criaturas enjauladas, acorrentadas e nuas, que possuem qualidades sexuais exóticas e indômitas, “semelhantes a panteras”, reforça esse tema da “selvageria” das mulheres negras como símbolo de uma sexualidade feminina desenfreada (Collins, 2019).

A construção do corpo feminino da mídia, de maneira generalizada, costuma reduzir as mulheres a partes dos seus corpos. Em um sistema de supremacia branca — que define o branco como símbolo de civilidade, cultura e “única possibilidade de tornar-se ‘gente’” (Souza, 2021, p. 46) — o processo de objetificação das mulheres acontece segundo um critério de diferença racial que separa objetos de animais. Conseqüentemente, essa diferença racial se torna um elemento distintivo que serve para identificar o nível e a intensidade da objetificação que as mulheres irão sofrer (Collins, 2019).

Considerando que a fotografia é a base tecnológica e conceitual de todas as mídias (Machado, 2019), e que a supremacia masculina-branca é fundida na linguagem, se faz importante pontuar que, nos mais diversos meios de comunicação, as mulheres serão construídas de forma a reforçar ideologias dominantes. Isso acontece porque, em nossa sociedade, os homens e os brancos têm o poder de nomeação (Dworkin, 1989) e, na medida em que a fotografia é influenciada pelo contexto social e cultural em que está inserida, ela é também um elemento de discurso que enquadra as mulheres, mais uma vez, como instrumentos simbólicos da política masculina (Bourdieu, 2014).

A metáfora da alimentação em *Muscle And Fitness* e *Mr. America*

A capa da revista *Muscle and Fitness* de junho de 2009 é um ótimo exemplo da relação entre o consumo de carne e o domínio masculino, bem como da apropriação dos corpos femininos (Figura 1). Na imagem, um homem, representando a virilidade, grita enquanto segura um pedaço de carne que, não coincidentemente, tem o mesmo tamanho da imagem de uma mulher seminua no canto superior direito.

Em nossa sociedade, o consumo de carne é um indicador de virilidade, isto é, um indicador do domínio masculino. A palavra “viril” tem origem no latim *virilis* e se refere às características consideradas próprias de um homem. Por meio da carne, os homens afirmam uma hierarquia de sexo, raça e classe e a masculinidade é, então, afirmada pelo que ele come (Adams, 2018).

Figura 1: *Eat like a man* (Coma como um homem). Capa da revista *Muscle and Fitness*, 2009.



Fonte: Amazon¹⁰.

Por conseguinte, a frase “coma como um homem” não se refere apenas à alimentação do animal morto, mas também do corpo feminino. Para Adams (2018), a masculinidade é construída em nossa cultura por meio do acesso ao consumo dos animais e pelo controle e apropriação dos corpos das mulheres. A capa da revista *Muscle and Fitness*, nesse sentido, consegue por meio da metáfora da alimentação (Bozon, 2004) relacionar tanto o consumo de carne com a virilidade, quanto o sentido sexual da palavra comer, a partir da apropriação do corpo das mulheres.

A carne que o homem segura na mão e a imagem da mulher no canto superior direito tem a mesma proporção. Por meio do tamanho das imagens e do uso da cor vermelha, a capa da revista traz a simbologia perfeita sobre o modo como a masculinidade é construída em um sistema de dominação masculina: através do consumo de animais e da apropriação dos corpos femininos. Com outras palavras, é por meio da naturalização da violência direcionada aos animais que é possível normalizar as discriminações sexuais, raciais, econômicas e territoriais em nossa sociedade. Isso é essencial para a supremacia masculina porque ela depende da constituição do corpo feminino enquanto objeto simbólico para uso deliberado dos homens (Adams 2018; Dworkin, 1989).

Por outro lado, as edições de abril de 1970 (Figura 2) e novembro de 1969 (Figura 3) da revista *Mr. America* apresentam um padrão imagético de um homem que

¹⁰ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Muscle-Fitness-Magazine-June-2009/dp/B0039GY0R6>.

protagoniza sua virilidade rodeado de mulheres. Nas duas capas, o masculino aparece como uma figura ativa e viril, capaz de conquistar todas as mulheres que quiser.

Figura 2 e 3: Capas da revista *Mr. America* (abril de 1970 e novembro de 1969).



Fonte: Joe Weider¹¹.

A palavra conquista se refere ao ato de se apropriar e tomar posse de algo. Em contextos heterossexuais, o verbo conquistar costuma estar relacionado à atividade de seduzir e fazer uma mulher se apaixonar, ou melhor, de se apropriar e tomar posse de uma figura feminina. Essa linguagem só acontece porque, dentro da supremacia masculina, as mulheres precisam ser objetificadas para que seja possível a sua apropriação, ou seja, é apenas por meio do entendimento que as mulheres são bens móveis da política masculina que os homens são capazes de tomar posse dos seus corpos (Bourdieu, 2014; Dworkin, 1989; Barton, 2021).

As Figuras 2 e 3 evidenciam a ideia de que as mulheres expostas de biquíni na praia são objetos apropriados pelos homens que exibem sua força e masculinidade. Nesse sentido, enquanto o corpo masculino é construído como símbolo de poder e dominação, o corpo feminino é exposto como objeto de desejo e apropriação (Bourdieu, 2014; Barton, 2021). Isso acontece porque, a supremacia masculina é fundida na linguagem (Dworkin, 1989) e, na medida em que ela é capaz de influenciar as construções imagéticas em nossa sociedade, não vai ser simplesmente a exposição do corpo capaz de categorizar os sujeitos como objetos a serem apropriados, mas o lugar que esses sujeitos ocupam em termos sexuais, raciais, econômicos e territoriais.

¹¹ Disponível em: <https://www.joeweider.com/photos/betty-weider-covers/>.

Dentro da Figura 3, um quadro é colocado à esquerda trazendo a imagem de uma mulher e um homem sem camisa envoltos num abraço. Enquanto a figura do homem está de costas e ele é colocado no anonimato, a mulher ocupa a maior parte do quadro: com o rosto encarando o leitor em uma expressão séria. O corpo da modelo aparece fora da sombra da imagem, seus seios destacados com a marca de biquíni e os seguintes dizeres abaixo: “VIGOR NUTRICIONAL - A sua dieta está acabando com a sua vida SEXUAL?; EMAGRECIMENTO - Foco em uma CINTURA DE VERÃO do jeito mais rápido; SEXO - a NINFOMANÍACA como ela é¹²”

A segunda capa da *Mr. America* (Figura 3), posiciona as mulheres nas laterais, como coadjuvantes ou objetos que compõem o cenário da figura protagonista masculina. Além disso, existe um outro corpo feminino protagonizando o quadro à esquerda, que está relacionado diretamente com sexualidade, emagrecimento e com a ninfomania, um transtorno hipersexual segundo o CID-11 (Filho e Zampieri, 2022).

As revistas, todavia, não são os únicos meios pelos quais os corpos das mulheres são objetificados e destituídos de significado, essa mesma mensagem costuma aparecer em videoclipes, jogos, programas de televisão, filmes, séries, cartazes e outdoors. Isso acontece porque na supremacia masculina os homens têm o poder de nomeação (Dworkin, 1989), e eles definem as mulheres como seres-percebidos por um olhar marcado pelas categorias masculinas (Bourdieu, 2014).

Com outras palavras, no domínio masculino, as mulheres são constituídas como seres-percebidos, como instrumentos simbólicos que são constantemente expostos à objetificação do olhar e discurso do outro, um outro masculino. E, enquanto objetos de desejo, elas existem para “serem comidas” e apropriadas pelos homens (Bourdieu, 2014; Dworkin, 1989; Barton, 2021).

Considerações Finais

O estudo em questão explorou a metáfora da alimentação e sua relação com a sexualização dos corpos femininos, trazendo como plano de fundo a festa popular do Carnaval e analisando as construções do corpo feminino em veículos de mídia, especificamente as revistas *Muscle and Fitness* e *Mr. America*. A análise demonstrou

¹² Texto original: “NUTRITIONAL VIGOR - Is your diet killing your SEX life?; SLIMMING - Close-up on a SUMMER WAIST the fastest way; SEX - The NYMPHOMANIAC like she is”. As traduções são de responsabilidade das autoras.

que a construção dos corpos femininos como instrumentos simbólicos da política masculina acontece porque, na supremacia masculina, os homens precisam enxergar as mulheres como objetos sexuais. Isso porque é através da objetificação, que se torna aceitável a violência, o abuso, a apropriação e a dominação sobre os corpos femininos.

Por meio da destituição de significados, mulheres e animais têm seus corpos controlados por uma política masculina. A carne, nesse cenário, é um importante símbolo do controle patriarcal, e o seu consumo não é natural, mas construído socialmente. Assim como os hábitos alimentares, as dinâmicas sexuais também são influenciadas pelas estruturas sociais, sendo a metáfora da alimentação uma das formas pelas quais a sociedade consegue trazer para a linguagem as dinâmicas de dominação/submissão socialmente construídas.

Através da análise das capas das revistas *Muscle and Fitness* e *Mr. America* foi possível observar como a metáfora da alimentação na fotografia é utilizada como um meio de objetificação dos corpos das mulheres. Nas três imagens, as mulheres são apresentadas como instrumentos simbólicos, subjetivados pelo olhar masculino-branco, que as definem como seres-percebidos que existem para serem comidos, conquistados e submetidos. Por meio da valorização da masculinidade, os homens protagonizam as capas das revistas, evidenciando seu poder tanto pela forma como se alimentam — nutricionalmente e sexualmente — quanto pelo número de corpos femininos que controlam.

Para futuros trabalhos, é possível analisar o modo como essa relação acontece em outros produtos midiáticos, a forma como as animais fêmeas também são sexualizadas na publicidade, bem como a maneira como esse fenômeno se desenvolveu historicamente. Além disso, podem ser elaboradas análises específicas sobre como o corpo feminino é construído midiaticamente na época do carnaval, tal qual a relação dessa construção com o consumo de carne.

Referências bibliográficas

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana**. 2. ed. Tradução: Cristina Cupertino. São Paulo: Editora Alaúde, 2018.

ADAMS, Carol J.; MESSINA, Virginia. **Cozinha de protesto: seu guia para o ativismo alimentar com mais de 50 receitas veganas**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2021.

BARBIERI FILHO, Arnaldo; ZAMPIERI, Ana Maria. Compulsão sexual: diagnóstico, psicoterapia de dessensibilização e reprocessamento por meio do movimento ocular e tratamento psiquiátrico. In: NARDI, Antônio Egídio; SILVA, Antônio Geraldo; QUEVEDO, João Luciano de (org). **Associação Brasileira de Psiquiatria**. Programa de Atualização em Psiquiatria: Ciclo 11. Porto Alegre: Artmed Panamericana, 2022, p. 9-45. Disponível em: <https://portal.secad.artmed.com.br/artigo/compulsao-sexual-diagnostico-psicoterapia-de-dessensibilizacao-e-reprocessamento-por-meio-do-movimento-ocular-e-tratamento-psiquiatrico>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BARTON, Bernadette. **The pornification of America: how raunch culture is ruining our society**. New York: New York University Press, 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 5. ed. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 12. ed. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CARRARA, Anna Carolina Ferreira; UCHOA, Danielle Novaes; RODRIGUES, Paulo Soares. A metáfora SEXO É ALIMENTO como estratégia de coerência textual nas piadas. **Gatilho: Revista de Estudos sobre Riso, Humor e Cômico**, v. 7, n. 1, p. 1-15, 14 jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/26925>. Acesso em: 15 jun. 2024.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Global, 2004 [1967]. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/370>. Acesso em 10 jul. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

DWORKIN, Andrea. **Pornography: men possessing women**. New York: Plume, 1989.

GILMAN, Charlotte Perkins. **Terra das mulheres**. Tradução: Flávia Yacubian. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MULVEY, Laura. Visual pleasure and narrative cinema. **Screen**, v. 16, n. 3, p. 6-27, 1975.

NASCIMENTO, Aline Santos de Brito. **Carnaval de Ilhéus: identidade, turismo e sustentabilidade**. Ilhéus-BA: Editus, 2007.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. **Comida: prazeres, gozos e transgressões**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/35m>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SILVA, Marlúcia Barros da. **O carnaval de Ilhéus: década de 60**. 2001. Monografia (Especialização em História) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2001.



SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.